

**PESQUISA INDICA QUE ENTREGADORES EM EMPRESAS-PLATAFORMA
PERDEM REMUNERAÇÃO DURANTE A PANDEMIA
DO CORONAVÍRUS (COVID-19)**

Pesquisadores de universidades brasileiras realizaram análise dos impactos nas condições de trabalho de entregadores de plataformas digitais durante a crise da COVID-19¹. Os dados apresentados são fruto da primeira fase desta pesquisa, realizada nacionalmente, com ênfase nas grandes cidades, entre os dias 13 e 20 de abril, por meio de um questionário *on-line* na plataforma Google.

Os resultados da pesquisa evidenciam que o aumento expressivo da demanda por trabalho de entregas contrasta com a queda do rendimento dos trabalhadores. A perda de remuneração, associada ao aumento do risco de contágio, intensifica a condição que já era precária desses trabalhadores e sinaliza para a exacerbação do ganho da plataforma digital com as pressões de achatamento da remuneração dos trabalhadores.

A pesquisa teve como objetivo investigar se houve mudanças nas condições de trabalho dos entregadores durante a pandemia, em especial no que se refere: a) ao tempo de trabalho antes e durante a pandemia; b) à variação da remuneração recebida antes e durante a pandemia ; c) ao fornecimento de meios de proteção pelas empresas-plataforma (como álcool-gel, máscaras e orientações) e, finalmente, d) à relação dos trabalhadores com a pandemia do coronavírus.

Nesta primeira fase da pesquisa foram respondidos 252 questionários, abrangendo 26 cidades, com concentração em quatro delas: São Paulo, Belo Horizonte, Recife e Curitiba.

A pesquisa constatou que o incremento significativo da demanda por entregas neste período de isolamento social se traduziu em redução da remuneração para a grande maioria dos entrevistados, apesar de se manterem as longas jornadas de trabalho. Comparando-se a distribuição por faixa de tempo de trabalho, constata-se que antes e durante a pandemia, a maioria trabalhava em faixas com duração acima de 09 horas diárias. Já a remuneração sofre alterações muito significativas, indicando uma queda geral no rendimento dos trabalhadores.

¹ Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa: “Trabalho por plataformas digitais, reconfigurações jurídicas e novos direitos”, dedicado a análise das transformações do trabalho digital no Brasil, coordenado por pesquisadores de diversas universidades e que integram o GT Trabalho Digital da Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (REMIR – Trabalho), Ana Claudia Moreira Cardoso (UFJF), Henrique Amorim (Unifesp), Ludmila Costhek Abílio (Unicamp), Paula Freitas Almeida (Unicamp), Renan Bernardi Kalil (MPT), Sidnei Machado (UFPR) e Vanessa Patriota da Fonseca (UFPE).

Os dados, a serem detalhados a seguir, apontam que antes da pandemia 48,7% recebiam até R\$ 520,00 semanais. Durante a pandemia passam a ser 72,8% dos entrevistados, reduzindo-se para 25,4% os que auferem rendimento maior que isto (ou seja, rendimento acima de aproximadamente R\$ 2.080,00 mensais). É possível aventar que as empresas estão promovendo uma redução do valor da hora de trabalho dos entregadores em plena pandemia e sobremajorando seu ganho às custas do trabalhador.

No que se refere às medidas de proteção, os trabalhadores vêm tomando por conta própria uma série de medidas que envolve também custos adicionais para seu trabalho. A grande maioria dos entrevistados afirmou tomar uma ou mais medidas de proteção na execução de seu trabalho.

Apresentaremos a seguir análise detalhada dos dados de pesquisa.

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Entre os trabalhadores que responderam, a quase totalidade (95,6%) se apresentou como sendo do sexo masculino. Quanto a cor ou raça, 39,7% se identificou como branco, 44,5% como pardo, 14,3% como negro e 0,4% como indígena. No que se refere à distribuição por idade, 15,0% dos entrevistados tinham até 24 anos, 47,6% entre 25 e 34, 33,3% entre 35 e 44 anos e 4% mais do que 44 anos.

No que se refere às empresas-plataforma pesquisadas (Ifood, Rappi, Uber Eats e Loggi), 25% dos respondentes disseram trabalhar em apenas uma plataforma, 75% estão inscritos em 2 ou mais e, entre estes, 6,2% estariam inscritos nas quatro plataformas e ainda em outras. Quando analisamos para quais plataformas os trabalhadores se dedicam unicamente, vemos que a maior parte cita a IFood, seguida da Loggi, Uber Eats e Rappi.

TEMPO DE TRABALHO

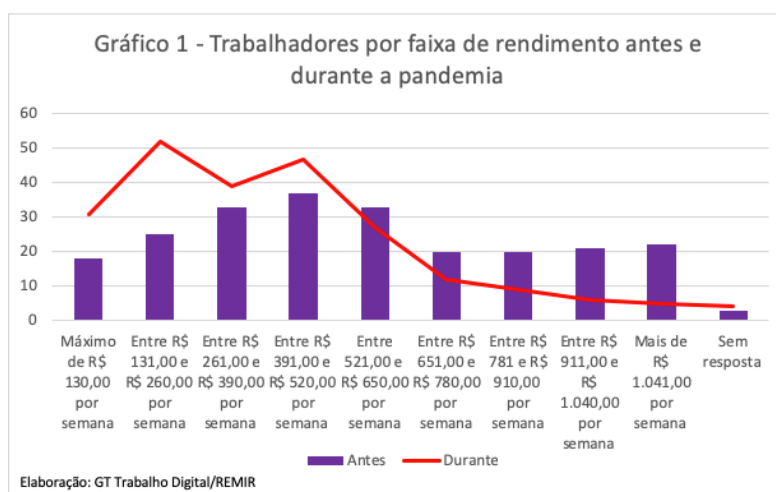
No que se refere ao tempo de trabalho, foi perguntado aos trabalhadores em empresas-plataforma de entrega sobre o tempo de trabalho antes da pandemia e durante, considerando que a escala do questionário variou entre até 04 horas e mais de 15 horas, uma vez que 09 entrevistados acusaram trabalhar até 04 horas antes da pandemia, mas nenhum deles apontou o mesmo durante a pandemia.

A distribuição dos trabalhadores por faixa de tempo de trabalho sofreu uma pequena variação, apresentando um aumento de 3% dos que trabalham até 08 horas por dia: 40,5% dos entrevistados afirmaram trabalhar antes da pandemia entre 04 e 08 horas por dia; 59,5% entre 09 e mais de 15 horas diárias. Durante a pandemia, 43,7% relatou trabalhar até 08 horas por dia e 56,4% apontou 09 horas ou mais. A distribuição atual é de 19,8% tanto nas faixas entre 09 e 10 horas diárias, como entre 11 e 12 horas, 10,7% entre 13 e 14 horas e 6,0% em 15 horas ou mais.

Vale ressaltar que, durante a pandemia, 52% dos entrevistados afirmaram trabalhar os 7 dias da semana, enquanto 25,4% deles, 06 dias. Com isso, 77,4% dos entrevistados tem seu tempo de trabalho dispersos por 06 ou 07 dias na semana; trata-se de um trabalho a ser caracterizado como ininterrupto.

REMUNERAÇÃO

Entretanto, quando olhamos para a remuneração advinda do trabalho, vemos uma situação muito diferente, dado que a maioria dos entrevistados (60,3%) relatou uma queda na sua remuneração, comparando o período atual da pandemia do coronavírus com o momento anterior. E, ainda, 27,6% relata que a remuneração se manteve e apenas 10,3% que houve um aumento. O gráfico a seguir nos mostra quais foram as faixas de remuneração onde houve maior queda e também um aumento mais expressivo.



Como demonstrado no gráfico 1, a análise comparativa dos ganhos dos entregadores antes e durante a pandemia aponta, portanto, para uma queda significativa dos rendimentos. No universo de 229 respondentes, 113 declararam rendimento semanal

de até R\$ 520,00 (o que corresponderia a aproximadamente R\$ 2.080,00 mensais). Dentre estes, 43 (18,5%) declararam remuneração de até R\$ 260,00 por semana (aproximadamente, R\$ 1.040,00 mensais). Durante a pandemia, a parcela de entregadores que têm remuneração inferior a R\$ 260,00 semanais **praticamente dobra**, passando a compor 35,7% dos entrevistados.

Verificou-se um incremento em todas as faixas de rendimento até R\$520,00 semanais. Já para o rendimento acima de R\$520,00 semanais, **todas as faixas apresentam significativa redução**. Se antes, 49,9%, dos respondentes declararam remuneração acima desse valor, agora são 25,4%. A redução torna-se ainda mais acentuada para os que declaram rendimento acima de R\$ 780,00 semanais (aproximadamente, mais do que R\$ 3.120,00 mensais), de 27,1% para 8,6%. Ainda 9,5% declararam ter, antes da crise, rendimento acima de R\$ 1.040,00 semanais, sendo que na crise esta faixa abrange apenas 2,2% dos respondentes.

Fica claro, portanto, que no período anterior à pandemia havia uma concentração nos rendimentos semanais entre R\$ 261,00 e R\$ 650,00 reais, mas com presença importante naqueles rendimentos maiores, chegando a mais de R\$ 1.041,00 por semana. Entretanto, quando o foco recai sobre o período da pandemia, esses rendimentos maiores praticamente desaparecem, ganhando destaque para aqueles entre R\$ 130,00 e R\$ 520,00 semanais.

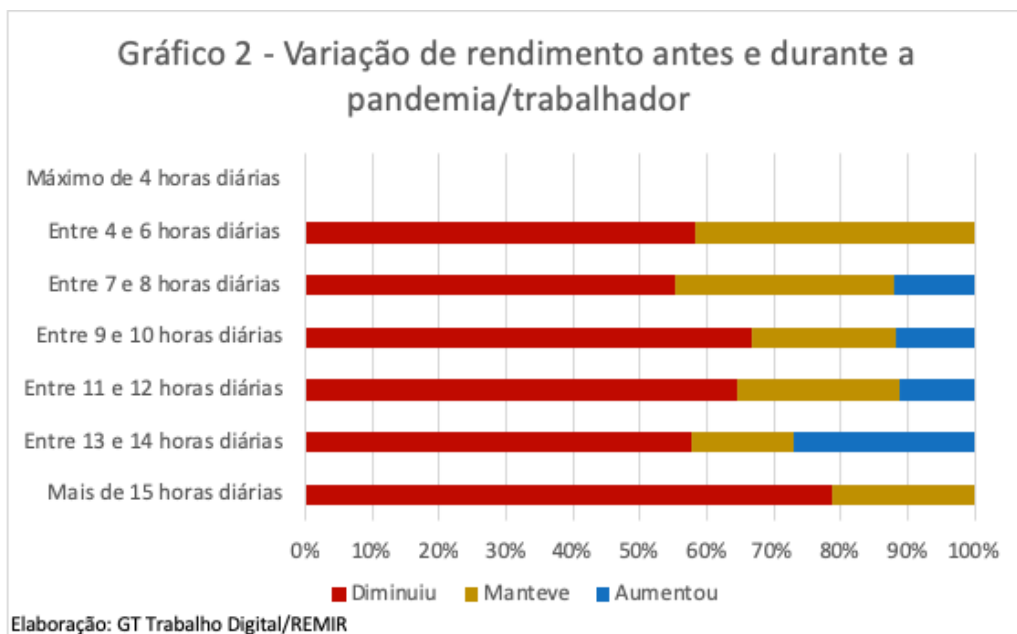
REMUNERAÇÃO E TEMPO DE TRABALHO

Quando abrimos mais os dados e comparamos as respostas a partir da remuneração por faixas de tempo de trabalho, novamente considerando o período da pandemia e o anterior, temos uma visão melhor desta relação. Se em termos médios a redução foi em torno de 60%, em todas as faixas de horas trabalhadas, pelo menos 55% dos trabalhadores apontaram que os seus rendimentos caíram durante a pandemia se comparado com o período anterior. A exceção deu-se na faixa de até 04 horas de trabalho/dia, uma vez que todos migraram de faixa.

Como pode ser observado no gráfico 2, para aqueles que trabalharam durante a pandemia entre 4 e 6 horas, o rendimento não aumentou para ninguém. Ao invés disso, observa-se que foi mantido para cerca de 40% e diminuiu para os outros 60%². Já para a

² 4,4% dos que trabalharam entre 4 e 6 horas não responderam sobre os rendimentos durante a pandemia.

segunda faixa de horas trabalhadas (entre 7 e 8), os rendimentos aumentaram para 12%, mantiveram-se para 33% e diminuíram para 55%. Se seguimos nossa análise em direção aos maiores tempos dedicados ao trabalho, isto é, acima de 09 horas, vemos que o percentual de remuneração que decresce é mais acentuado, como mostra o gráfico:



Por exemplo, para aqueles que trabalharam, durante a pandemia, mais de 15 horas, 78,6% relata que seu rendimento caiu e 21,4% que se manteve. Ou seja, uma elevada carga horária não foi acompanhada por aumento de remuneração. Isso se deve, se considerarmos as falas dos trabalhadores em empresas-plataforma de entrega (que nosso núcleo de pesquisa acompanha nos grupos de whatsapp e facebook e tendo como base outras pesquisas já realizadas) que dentre todo esse tempo dedicado ao trabalho houve muitas horas de espera por chamadas. Muitas falas relataram espera pela chamada e muitos outros de espera no próprio estabelecimento comercial, sobretudo restaurantes. Outro fato relevante é que muitos trabalhadores relataram, nesses grupos, que tiveram suas contas canceladas e, assim, reduziram suas chances de ter demandas, considerando que mais de 70% relatou trabalhar com mais de um aplicativo.

Além disso, quando somamos a nossa análise o movimento que houve nos bônus recebidos pelos trabalhadores, antes e depois da pandemia, vemos que estes podem ter contribuído para a queda da remuneração, considerando que, dentre os entrevistados, 4% relatou que houve redução do bônus neste período da pandemia, para 45% se manteve e para 6% houve um aumento.

MEDIDAS PREVENTIVAS ADOTADAS PELAS EMPRESAS

Ao questionarmos os entregadores sobre as medidas preventivas adotadas pelas empresas para a diminuição dos riscos de contágio por COVID-19, 157 entrevistados (62,3%) afirmaram não ter recebido nenhum apoio da empresa para diminuir os riscos de contaminação existente durante a realização do seu trabalho e 95 entrevistados (37,7%) disseram ter recebido insumos de proteção das empresas ou dicas de como realizarem o seu trabalho de forma mais segura, em especial diminuindo o contato com os consumidores do serviço. Veja-se o gráfico:

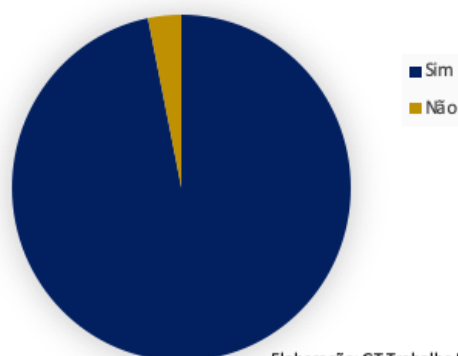


Entre os métodos de prevenção disponibilizados pelas empresas, a opção mais citada pelos entregadores foi o recebimento de orientações dadas pelas empresas aos entregadores de como realizarem o seu trabalho com menor contato com os consumidores dos serviços. A segunda opção com maior número de respostas foi a distribuição de álcool-gel, com 49 entregadores (19,4%) afirmando terem recebido este produto.

MEDIDAS PREVENTIVAS ADOTADAS POR CONTA PRÓPRIA

Em relação às medidas preventivas tomadas por conta própria pelos entregadores para diminuir os riscos de contaminação por COVID-19, o gráfico 4 mostra que 244 entrevistados (96,8%) afirmaram estarem adotando alguma forma de medida preventiva, com apenas 8 trabalhadores (3,2%) respondendo de forma negativa a esta questão.

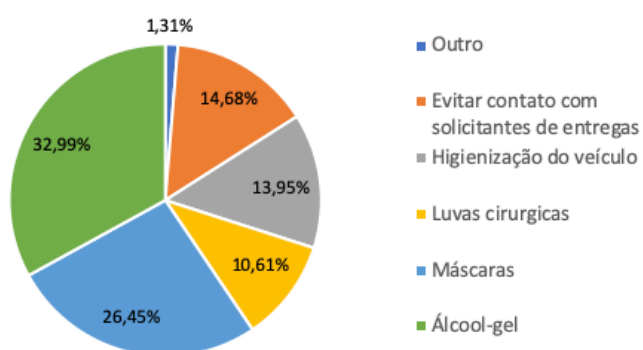
Gráfico 4 - Medida de Prevenção adotada pelo Entrevistado



Elaboração: GT Trabalho Digital/REMIR

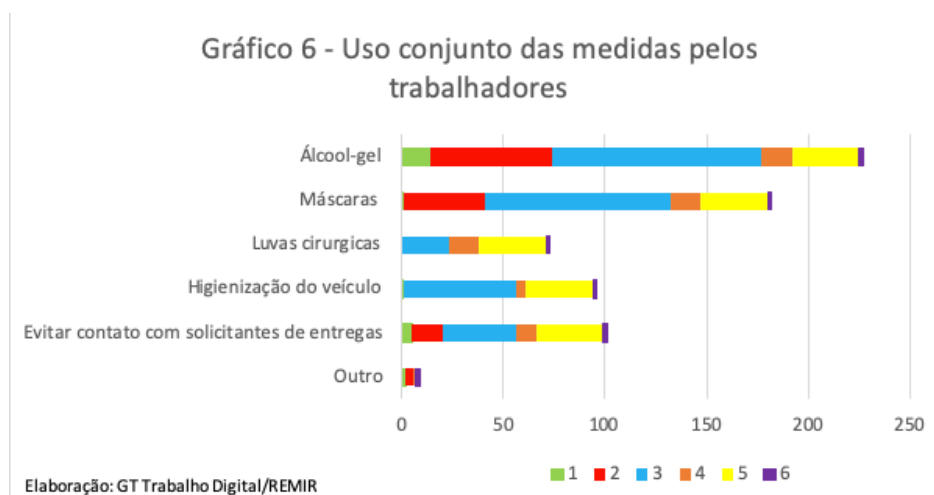
A utilização de álcool-gel durante o trabalho está sendo a forma preventiva mais utilizada pelos entregadores para evitar a contaminação, sendo adotada por 225 entrevistados (89,2%), seguida pelo uso de máscaras, com 182 respostas (72,2%) e pela entrega sem contato direto com os clientes, medida adotada por 139 entrevistados (55,1%). Importante salientarmos que a realização das entregas sem o contato direto com os consumidores foi uma alternativa colocada pelas empresas devido à pandemia do coronavírus, com os usuários selecionando esta forma de entrega ao realizarem os pedidos e indicando aos entregadores o local que a compra deve ser colocada.

Gráfico 5 - Medidas adotadas pelos trabalhadores



Elaboração: GT Trabalho Digital/REMIR

Como a questão relacionada às medidas preventivas tomadas por conta própria pelos trabalhadores permitia a resposta em mais de uma alternativa, podemos também analisar a quantidade de entrevistados que combinam mais de um método de prevenção, bem como quais são as ações conjuntas mais utilizadas, como mostra o gráfico 6:



Apenas 10% dos entrevistados relatam utilizar apenas um dos métodos de prevenção, sendo que o método mais comumente utilizado de forma isolada é a higienização das mãos com álcool-gel (6,8%). Já 54,6% dos entrevistados afirmaram utilizar a combinação de dois (25,1%) ou três (29,1%) métodos preventivos, sendo as combinações mais comuns o uso de álcool-gel e máscaras (16,7%) e o uso de álcool-gel e máscaras em conjunto com as entregas sem contato com os solicitantes (10%).

Chama-nos a atenção o fato de 12,7% dos entregadores entrevistados responderem realizar todos os métodos preventivos indicados em nosso questionário, ou seja, o uso de álcool-gel, luvas cirúrgicas e máscaras, a realização de entregas evitando contato com os clientes e a realização de higienização dos veículos. Além disso, 13,1% relataram utilizar álcool-gel e máscaras, realizar a higienização do veículo de trabalho e evitar o contato com os consumidores, sendo a combinação de todas estas medidas uma ação bastante utilizada pela categoria.

Estes dados, bem como o baixo número de entregadores que afirmaram não realizar nenhuma medida preventiva ou que estão adotando apenas uma delas, é um importante indicativo de mudança de hábitos dos trabalhadores para a realização das suas atividades durante a epidemia de coronavírus, bem como um indicativo de medo com relação à contaminação enquanto realizam seu trabalho. Em nosso questionário, 84,5% dos entrevistados relataram que tem medo de serem contaminados, trabalhando nestas condições, o que, entre outras coisas, evidencia um trabalho realizado sob um forte grau de tensão e de ansiedade.